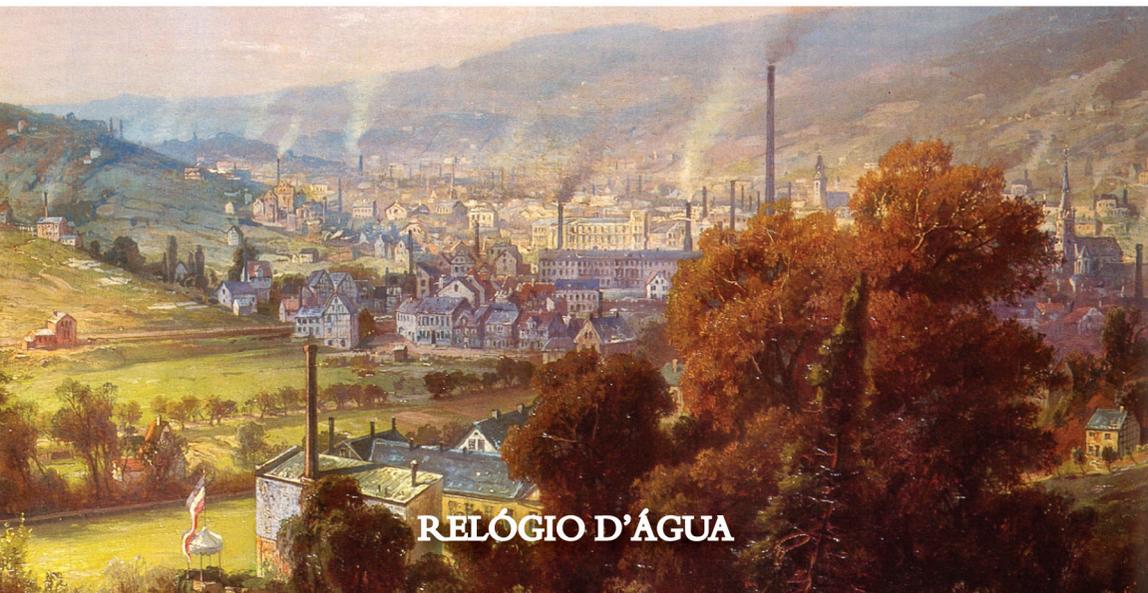




# NORTE E SUL

## ELIZABETH GASKELL

TRADUÇÃO DE FREDERICO PEDREIRA



RELÓGIO D'ÁGUA

Norte e Sul

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
www.relogiodaguaeditores.blogspot.com

Título: Norte e Sul  
Título original: *North and South* (1855)  
Autora: Elizabeth Gaskell  
Tradução e notas: Frederico Pedreira  
Tradução do Prefácio à Primeira Edição: Anabela Prates Carvalho  
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))  
sobre *Retrato de Mária Bencsik* (1854), de Györgyi Giergl Alajos

© Relógio D'Água Editores, abril de 2016

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
**[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)**

ISBN 978-989-641-589-1

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º: 408061/16

Elizabeth Gaskell

# Norte e Sul

Tradução de  
Frederico Pedreira

Clássicos

### CAPÍTULO III

#### *“Quanto mais depressa, mais devagar”*

Aprende a conquistar a confiança de uma senhora,  
Com nobreza, pois é coisa da maior importância;  
Com coragem, como se da vida ou da morte se tratasse —  
Com fiel seriedade.

Afasta-a dos palcos festivos,  
Leva-a até ao céu estrelado.  
Com a verdade das tuas palavras  
Protege a sua pureza das lisonjas de cortesia.

SRA. BROWNING

“O Sr. Henry Lennox.” Margaret tinha estado a pensar nele ainda há momentos, recordando o inquérito que ele lhe fizera acerca das suas ocupações caseiras. Aquilo era *parler du soleil et l'on en voit les rayons*<sup>1</sup>; a luminosidade do Sol inundou o rosto de Margaret assim que pousou o estirador, e depois aproximou-se para lhe apertar a mão. “Avisa a mamã, Sarah”, disse. “Eu e a mamã queremos perguntar-lhe tantas coisas sobre Edith; sinto-me profundamente grata por ter vindo.”

“E eu não tinha dito que viria?”, perguntou ele, num tom de voz mais grave do que ela tinha usado.

“Ainda assim, imaginava-o tão longe, nas Highlands, e não calculava que uma viagem até Hampshire lhe pudesse ser conveniente.”

1 “*Parler du soleil et l'on en voit les rayons*”, literalmente, significa: “*Fala-se no sol e aparecem os raios.*” Uma versão do provérbio em português: “*Fala-se no diabo e ele aparece.*” (N. T.)

“Oh!”, disse ele, agora num tom mais leve, “o nosso jovem casal andava a pregar partidas tão tolas, a correr todo o género de riscos, a escalar esta montanha, a velejar naquele lago, que eu pensei que precisavam de um mentor para olhar por eles. E precisavam mesmo; andavam bastante alheados da tutela do meu tio, e faziam que o velho cavalheiro estivesse em pânico durante dezasseis das vinte e quatro horas do dia. De facto, quando percebi o quão incapazes eram de tomar conta de si próprios, achei ser meu dever não os deixar sozinhos enquanto não os visse a embarcar em Plymouth.”

“Esteve em Plymouth? Oh! A Edith nunca mencionou isso. Terá certamente escrito as suas últimas cartas muito à pressa. É mesmo verdade que partiram na terça-feira?”

“Partiram, pois, e libertaram-me de muitas responsabilidades. A Edith confiou-me todo o género de mensagens para lhe comunicar. Parece-me que tenho aqui uma pequena nota algures. Certo, aqui está.”

“Oh! Obrigada”, exclamou Margaret, e, desejava de ler a nota a sós, sem ser observada, lembrou-se de que tinha de ir dizer novamente à sua mãe (já que Sarah teria feito, de certeza, alguma confusão) que o Sr. Lennox tinha chegado.

Quando saiu da sala, ele começou, no seu modo escrutinador, a olhar em redor. A pequena sala de visitas não podia estar mais impecável sob a intensa luz do Sol daquela manhã. A janela a meio da sacada estava aberta, e uma porção de rosas e de madressilvas escarlates assomavam ao canto; o pequeno relvado estava deslumbrante, coberto de verbenas e gerânios de todas as cores vivas. Mas toda essa vivacidade de cores lá fora fazia as cores no interior da sala parecer esmorecidas e desbotadas. A tapete estava longe de ser nova; a chita de que era feita já tinha sido lavada muitas vezes; o aposento era mais pequeno e menos cuidado do que ele esperara, quando o imaginara como pano de fundo e moldura para Margaret, sendo ela mesma tão dada a ares majestosos. Pegou num dos livros que estavam sobre a mesa: tratava-se de *Paradiso*, de Dante, na sua velha edição, devidamente encadernada em pergaminho branco e ouro; ao lado, encontrava-se um dicionário e algumas palavras transcritas a partir do mesmo, com a caligrafia de Margaret. Era uma lista monótona de palavras, mas por alguma razão dava-lhe satisfação olhar para ela. Pousou a lista com um suspiro.

“Os rendimentos são poucos, como é evidente. Aliás, foi ela mesma que mo disse. É estranho, até porque os Beresfords fazem parte de uma família de renome.”

Entretanto, Margaret tinha encontrado a mãe. Era um daqueles dias caprichosos da Sra. Hale, quando tudo representava uma dificuldade e uma aflição; e a vinda do Sr. Lennox passou também a fazer parte deste cenário perturbador, ainda que secretamente ela se sentisse lisonjeada com o facto de ele ter achado que valia a pena fazer-lhes uma visita.

“Que chatice! Logo hoje, que jantamos mais cedo, e ainda por cima não temos outra coisa exceto carnes frias, e isto para que as criadas possam apressar-se a engomar; claro que, ainda assim, temos de o convidar para jantar connosco, e convidar também o cunhado da Edith e assim... E o teu papá tem andado tão abatido esta manhã com uma coisa qualquer, não sei o quê. Entrei no seu gabinete ainda agora, e ele tinha a cara sobre a mesa, com as mãos a tapá-la. Eu disse-lhe que tinha a certeza de que o ar de Helstone não lhe fazia melhor a ele do que a mim, e de repente levantou a cabeça e pediu-me para que não voltasse a dizer mais uma palavra que fosse contra Helstone, porque já não aguentava mais, e que se havia um lugar que ele amava realmente no mundo, esse lugar era Helstone. Estou certa disso. Aliás, deve ser deste ar húmido e relaxante.”

Margaret teve a sensação de que entre ela e o Sol se instalara uma nuvem muito fina e gelada. Tinha escutado aquelas palavras pacientemente, com a esperança de que assim pudesse ajudar a mãe a desabafar; mas agora era a altura de lhe desviar a atenção para o Sr. Lennox.

“O papá gosta do Sr. Lennox; deram-se lindamente no pequeno-almoço do casamento. Parece-me que a sua vinda fará bem ao papá. E não se preocupe com o jantar, querida mamã. Carnes frias servem perfeitamente como almoço, que será com certeza aquilo a que o Sr. Lennox irá chamar a um jantar às duas da tarde.”

“Mas o que faremos nós com ele até lá? Ainda são só dez e meia.”

“Vou perguntar-lhe se ele quer fazer uns esboços comigo. Bem sei que ele desenha, e isso fará com que a presença dele não a atrapalhe, mamã. Peço-lhe agora que entre comigo na sala; ele achará muito estranho se não o fizer.”

A Sra. Hale aprontou-se a tirar o seu avental preto de seda e passou a mão pelo rosto. Deu ares de uma mulher muito elegante e refinada quando cumprimentou o Sr. Lennox com a cordialidade que era devida perante alguém que era quase um parente. Claro que ele esperaria que lhe perguntassem se gostaria de passar o dia lá em casa, e aceitou o convite com uma prontidão tão radiante que fez com que a Sra. Hale desejasse que lhe pudessem oferecer algo mais do que carnes frias. Ele mostrava-se contente com tudo. Ficou encantado com a ideia de Margaret de irem os dois fazer esboços, e não queria perturbar o Sr. Hale por nada deste mundo, já que tinha a esperança de estar com ele ao jantar. Margaret foi buscar os seus materiais de desenho para que ele pudesse escolhê-los; e depois de terem escolhido bem o tipo de papel e os pincéis, saíram os dois para o ar livre com a melhor das disposições.

“Bom, agora peço-lhe que nos detenhamos por um minuto ou dois”, disse Margaret. “Estas são as casinhas de campo que me assombraram nas

últimas duas semanas chuvosas e que tanto me censuraram por não as ter desenhado.”

“Antes de se terem desmoronado e de nunca mais ninguém as ter visto. A sério, se é para as desenharmos — e são, de facto, muito pitorescas —, seria bom que não adiássemos a tarefa até ao próximo ano. Mas onde é que nos devemos sentar?”

“Oh! Deve ter vindo diretamente do seu gabinete no Temple, por certo, em vez de ter passado dois meses nas Highlands! Olhe aqui este belo tronco de árvore que os lenhadores deixaram, mesmo no lugar certo para receber a luz. Vou cobri-lo com o meu lenço escocês, assim teremos o trono florestal ideal.”

“Com os seus pés nesse charco a servir de banquinho régio para os pés! Espere, eu afasto-me mais um pouco, assim pode chegar-se mais para cá. Quem é que mora nestas casinhas?”

“Foram construídas por ocupantes ilegais há cinquenta ou sessenta anos. Uma delas está desabitada; os guardas-florestais vão demoli-la assim que o idoso que mora na casa ao lado morrer, pobre velhote! Olhe — ali vai ele — vou lá falar-lhe. É tão surdo que você vai ouvir todos os nossos segredos.”

O velhote estava sem chapéu, ao sol, e apoiava-se numa bengala, de frente da sua casinha. As suas feições rígidas atenuaram-se e nelas começou a surgir um sorriso moroso logo que Margaret se aproximou para falar com ele. O Sr. Lennox apressou-se a incluir aquelas duas figuras no seu esboço e rematou a paisagem com uma referência que lhes dizia respeito — foi assim que Margaret a entendeu, quando chegou a hora de se levantarem, de sacudirem a água e os restos de papel, e de mostrarem um ao outro os seus esboços. Ela riu-se e corou: o Sr. Lennox prestara realmente atenção ao seu rosto.

“Ora, isso que fez é desleal”, disse ela. “Mal pensava eu que estava a fazer de mim e do velho Isaac os seus modelos, quando me pediu para perguntar ao velhote a história destas casinhas.”

“Foi irresistível. Não faz ideia de como a tentação era forte. Não me atrevo a dizer-lhe o quanto apreciarei este esboço.”

Ele não tinha bem a certeza se ela conseguira escutar esta última frase antes de ter ido até ao riacho passar a sua paleta por água. Regressou bastante ruborizada, embora mantivesse uma expressão inocente e despreocupada. Isso deixava-o contente, pois o que dissera saíra-lhe sem ele se dar conta — coisa rara no caso de um homem como Henry Lennox, que premeditava tanto os seus passos.

O ambiente em casa parecia leve e animado quando lá chegaram. As nuvens em redor da testa da mãe tinham-se dissipado com a ajuda de um par de carpas que um vizinho muito oportunamente trouxera. O Sr. Hale

regressara também da sua volta matinal, e agora aguardava a sua visita junto ao portão que dava acesso ao jardim. Parecia um autêntico cavalheiro, no seu casaco algo puído e com o chapéu já bastante gasto. Margaret tinha orgulho no seu pai; mostrara sempre um orgulho renovado e afetuoso na forma como ele conseguia impressionar favoravelmente todos os visitantes; ainda assim, o olhinho perspicaz dela percorreu o rosto do pai e encontrou nele traços de alguma perturbação pouco habitual, que tinha sido afastada por momentos, embora não sanada.

O Sr. Hale pediu para espreitar os esboços que eles traziam.

“Acho que escureceste em demasia os telhados de colmo, não te parece?” disse ele, enquanto devolvia o esboço de Margaret e estendia a mão para o do Sr. Lennox, que o reteve apenas por um instante, não mais do que isso.

“Não, papá! Não acho. As perpétuas e as ervas-pinheiras tornaram-se muito mais escuras com a chuva. Não está parecido, papá?”, perguntou ela, espreitando por cima do ombro do Sr. Hale enquanto este estudava as figuras no desenho do Sr. Lennox.

“Sim, muito parecido. A tua figura e postura estão muito bem desenhadas. E este é mesmo o modo rude que o pobre do velho Isaac tem de inclinar as suas costas largas e reumáticas. O que é isto aqui pendurado no ramo da árvore? Não é um ninho, por certo.”

“Oh, não!, isso é o meu chapéu. Nunca consigo desenhar nada com o chapéu, fico com a cabeça muito quente. Pergunto-me se alguma vez conseguirei desenhar figuras. Há por aqui tanta gente que eu gostaria de desenhar.”

“Parece-me que seria sempre bem-sucedida em qualquer retrato que se propusesse a fazer”, disse o Sr. Lennox. “Tenho muita fé na força de vontade das pessoas. Pela parte que me toca, acho que me saí bastante bem com o seu.” O Sr. Hale tinha-os encaminhado para dentro de casa, e Margaret demorara-se a colher algumas rosas para enfeitar o seu vestido de cerimónia para o jantar.

“Uma verdadeira rapariga londrina perceberia o sentido implícito naquela frase”, pensou o Sr. Lennox. “Estaria disposta a examinar cuidadosamente cada frase que um jovem cavalheiro dissesse, tendo em mente a *arrière-pensée* de um elogio. Mas eu não acredito que a Margaret... Espere!”, exclamou ele, “deixe-me ajudá-la”; e colheu uma série de rosas, em tons de carmesim e com uma textura aveludada, para lhe dar, rosas essas que estavam fora do alcance de Margaret, e depois, ao separá-las, colocou duas na lapela e deixou-a finalmente voltar para dentro de casa, muito alegre e satisfeita, para tratar das suas flores.